Fachadas-retábulo na Arquitetura Religiosa de Entre Douro e Minho: Formas e Artistas

Manuel Joaquim Moreira da Rocha
Docente em História da Arte na FLUP | CITCEM

No início século XVIII em Portugal, e segundo Raphael Bluteau, entendia-se que fachada era a "frontaria de hum edifício". E segundo o mesmo autor, ***frontaria*** e **frontispício** tinham o mesmo significado na arquitetura.

Em fontes documentais dos séculos XVII e XVIII, fundamentais para o estudo da arquitetura portuguesa – na perspetiva do encomendante, do artista e da obra - o termo utilizado para a caracterização da fachada principal de um edifício é ***frontispício***.

E Bluteau, numa definição simples e certiva, ainda para hoje, esclarece o entendimento, que ao seu tempo se tinha por frontispício:

"he a fachada ou face principal de hum grande edifício que se offrece aos olhos".

Procurando a origem da palavra ***fachada***, José Quintão, diz que tem origem no termo italiano *faccia* – "a cara do edifício".

A relação entre fachada – arquitetura - e retábulo, foi feita por Robert Smith no ano de 1963, no seu estudo sobre *A TALHA EM PORTUGAL*, utilizando o termo **fachada-retábulo** para caracterizar uma tipologia de fachadas de edifícios religiosos, que, seguiam a mesma organização estrutural dos retábulos.

A partir daí o termo **fachada-retábulo** passou a ser utilizado em trabalhos científicos de provas académicas desenvolvidas em Portugal, Brasil e Espanha (Carlos Ruão, 1966; Lúcia Carvalho, 2004; António Góis, 2005; etc.) de História da Arquitetura.

Tipologicamente o que é uma fachada-retábulo? Quando surge? Como se desenvolve? Como se baliza, estilística e cronologicamente, uma fachada-retábulo na arquitetura portuguesa?